

IPEA prevê cenários de recessão profunda com o confronto do golfo

por Cláudia Safatle
de Brasília

Uma guerra no golfo Pérsico pode produzir uma depressão inimaginável na economia brasileira, dependendo de quanto o País teria que reduzir em volume de importação de petróleo. Estudos realizados por técnicos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que estão orientando a eventual tomada de decisões da equipe econômica, apontam para cenários de complexa administração, caso haja deflagração de uma guerra a partir do dia 15 próximo — data marcada pela ONU para a desocupação do Kuwait pelas tropas iraquianas.

Num modelo quantitativo feito pelo IPEA, constam quatro hipóteses básicas: se as importações de petróleo sofrerem uma redução de apenas 3% ao longo de todo este ano, o impacto no Produto Interno Bruto (PIB) não chegaria a comprometer o nível de atividade econômica, permitindo até um crescimento de 3,3% sobre a queda de 4% estimada para o ano passado. Na montagem desses cenários, não foram consideradas políticas de combate à inflação que vêm a ser reforçadas pelo governo nos próximos meses.

Se a queda de importação — e portanto, com consequente contingenciamento da oferta dos derivados, internamente — for de 10% em 1991, o resultado direto sobre o comportamento do PIB seria de uma queda de 1,9%. A situação ficará mais dramática se o conflito implicar necessidade de redução das importações de petróleo na faixa de 20% sobre o volume importado no ano passado — produzindo uma queda de 8,2% no PIB.

Chegará a ter caráter de uma fortíssima depressão econômica, jamais experi-

	1990	I. CENÁRIOS					
		1091					
		I	II	III	IV	V	VI
Preço do Petróleo (US\$/barrel)	22,3	22,3	22,3	30,0	45,0	45,0	60,0
Líbor (%)	8,4	8,4	8,4	10,0	12,0	12,0	12,0
Comércio (OECD)	4,6	3,8	3,8	2,5	0,0	0,0	2,5
Taxa de Câmbio Real	-20,0	8,8	32,0	32,0	32,0	45,0	32,0
Quantum da Export. de Manufat.	-8,8	-6,0	6,2	6,1	5,5	11,9	4,8
Quantum das Demais Exportações	2,0	7,5	7,5	7,2	6,5	6,5	6,5
Preço Real das Commodities Agríc.	-11,0	-2,0	-2,0	-2,0	-2,0	-2,0	-2,0

(Variação com relação ao ano anterior, exceto Líbor e Petróleo)

Fonte: IPEA

Discriminação	1990	II — IMPACTO NA ECONOMIA					
		I	II	III	IV	V	VI
PIB (%)	-4,0	0,5	2,1	1,4	0,2	1,2	-0,6
PIB-Indústria (%)	-4,8	0,7	2,5	1,4	-0,9	-0,1	-3,0
Em US\$ Billhões							
Importação	20,7	21,8	22,0	23,3	25,9	26,0	28,5
Petróleo	4,4	4,5	4,6	6,1	9,1	9,2	12,2
Exportação	32,1	32,4	35,5	35,4	35,2	36,9	35,1
Industrializados	23,2	22,8	25,9	25,9	25,7	27,4	25,5
Saldo Comercial	11,4	10,7	13,5	12,1	9,3	10,9	6,5
Serviço de Não-Fatores	3,2	3,4	3,5	3,6	3,9	4,0	4,2
Juros	9,9	10,2	10,2	11,6	13,4	13,8	13,8
Lucros e Dividendos	2,2	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8	1,8
Saldo de Transac.							
Correntes	-4,0	-4,6	-2,0	-4,9	-9,8	-8,6	-13,2

Fonte: IPEA

mentada pelo País, se as condições levarem à redução de 30 a 40% na quantidade de óleo importado pelo Brasil. Aí, a queda do PIB atingiria proporções de 14,7% a 21,5%, respectivamente.

Outros cenários foram montados pelos técnicos do IPEA, considerando a variação de preços do petróleo até um máximo de US\$ 60,00 o barril — preço-límite admitido em estudos do Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial, realizados logo após a invasão do Kuwait pelo exército de Saddam Hussein.

Pelos cálculos forjados nos seis cenários hipotéticos, considerando preços entre US\$ 22,3 o barril como mínimo e US\$ 60,00 como máximo, e sem qualquer redução quantitativa das importações de petróleo, os efeitos sobre a produção interna variariam entre um crescimento de 0,5% e uma retração de 0,6%.

Impactos sérios também

ocorreriam nas contas de comércio exterior. As importações de petróleo — mantendo os volumes normais — consumiriam entre US\$ 4,5 bilhões, na hipótese mais otimista, até US\$ 12,2 bilhões, no cenário-límite de preços a US\$ 60,00 o barril. Hipóteses intermediárias, como preços do barril do petróleo a US\$ 30,00 ou US\$ 45,00, implicariam gastos com importações entre US\$ 6,1 bilhões e US\$ 9,2 bilhões.

Para construir essas hipóteses os técnicos do IPEA consideraram diversas outras variáveis, tais como variação da Líbor num intervalo de 8,4% a 12%; crescimento do comércio nos países da OCDE, de 3,8% a uma queda real de 2,5%; e variações importantes na taxa de câmbio real que, conforme as variáveis colocadas, poderiam subir até 45%. Como função da taxa de câmbio, as exportações brasileiras poderiam crescer significativamente, mesmo

em período de guerra, produzindo, em determinados casos, superávits superiores aos de 1990 (US\$ 11,4 bilhões), que seriam decrescentes na medida proporcional a crescimentos mais moderados da taxa de câmbio.

Em todas as hipóteses consideradas, o preço real das commodities cairia na faixa de 2%, os juros da dívida externa seriam crescentes, atingindo um teto máximo de US\$ 13,8 bilhões (em comparação com os US\$ 9,9 bilhões pagos no ano passado), e os saldos em conta corrente do balanço de pagamentos seriam fortemente negativos.

Há uma forte tendência, junto à equipe econômica do governo, de aplicar um deflator (ou expurgar) sobre os índices de preços internos que funcionam como indexadores (como o IRVF), caso haja uma explosão dos preços do petróleo. Oficialmente, o Ministério da Economia desmente essa intenção.